

Diante das inúmeras imagens selecionadas e perfeitamente editadas para as retrospectivas televisivas de final de ano, uma delas me chamou a atenção: a menina símbolo da Guerra do Vietnã, perdoando, via mundo, àquele que ordenou o ataque em sua aldeia. Entre a perplexidade e as memórias, outras imagens e um texto me veio à mente: “o horror, o horror”. Retomei o livro de Joseph Conrad *O coração das trevas*, reví o *Apocalypse now* e pensei em sugerir para o nº 12 de *Comunicação & Educação* filmes sobre a história de um Continente que, por ter vivido, na chamada Antiguidade, uma história independente do Mundo Mediterrâneo, pouco conhecemos: o Oriente Asiático.

Como os filmes pressupõem conhecimento de fatos e processos históricos que vão além dos narrados pelo cinema, e também porque as histórias em questão apresentam uma dificuldade inerente à especificidade de seus próprios processos, os filmes serão indicados dentro de uma cronologia histórica. Cronologia que torna possível ligá-los em torno de um tema central: o Oriente no contexto do Imperialismo dos séculos XIX e XX; e também através de subtemas específicos a cada História e povo. Esses temas e subtemas poderão direcionar as discussões para uma problemática mais ampla, a guerra na História humana.

São quatro os filmes principais, e dois documentários complementares.

Apesar da aparente dispersão e distanciamento, os filmes escolhidos servem como pontes iniciais entre a composição dos três grandes conjuntos que formam o Extremo Oriente: “Índia¹, China, o Arquipélago japonês e – duas regiões intermediárias que eram ao mesmo tempo passagem e/ou área de disputa entre os conjuntos principais – a Indochina entre os dois primeiros, e a Coreia entre a China e o Japão”², além de representarem aspectos da História dessas regiões no contemporâneo mundo do pós-guerra.

Os filmes são: *Tempos de guerra, Indochina, Apocalypse now* e *Os gritos do silêncio*³. Os documentários: *Mekong: a dádiva da água* e *Vietnã e Camboja: crianças de arroz e de armas*, ambos da série Jacques Cousteau.

A AUTORA

Maria Ignês Carlos Magno

Professora de História no primeiro e segundo graus, em São Paulo. E-mail: unsignes@usp.br

1. A Índia pertencia ao conjunto do Extremo Oriente, hoje compõe o Oriente Médio.

2. NADAI, Elza. *História Antiga e Medieval*. São Paulo: Saraiva, 1993.

3. Todos os filmes indicados podem ser encontrados em videolocadoras comerciais.

Tempos de guerra (*Don't cry Nanking*)

Direção: Wu Zinin

Produção: John Woo

Fotografia: Yang Wei

Montagem: Ho Wenchang

Música: Tan Dun

Ano: 1996

Duração: 105 min.

Tempos de guerra conta a história da invasão da cidade de Nankin, antiga capital chinesa, pelas tropas japonesas, em 1937. Através da história das famílias que viveram os horrores da invasão, mostra como, num período de seis semanas, 300 mil pessoas foram massacradas pelo exército imperial japonês.

Com este filme podemos iniciar o estudo não só do Japão e da China no contexto dos séculos XIX e XX, como também ele nos permite conhecer melhor a disputa de poder entre países que, até o século XIX, não faziam parte do bloco das nações neocoloniais: os Estados Unidos, a Rússia, a China e o Japão. Nações que, a partir de então, passarão a tecer imbricamentos constantes de suas histórias, os quais perduram até a atualidade.

No caso específico do Japão, interessa pesquisar o seu quase total isolamento das influências Ocidentais até 1850; em 1853, deu-se o primeiro contato entre Japão e Estados Unidos; seu reconhecimento como potência em 1910; a Era Meiji que levaria o Japão à modernização, à rápida assimilação da tecnologia européia e ao início de seu imperialismo; as guerras com a Rússia e com a China (1894-5), quando fica com Formosa até a anexação da Coreia em 1910; e a participação na Primeira Grande Guerra, os privilégios conquistados no mercado do Pacífico, bem como o ganho das Colônias alemãs na Ásia.

A invasão e o massacre de Nankin são parte da escalada expansionista. Em 1936, Japão e Hitler assinam o Pacto-anti-Komintern, que deveria conter os avanços comunistas e a União Soviética. Em 1937, o Japão invadiu Nankin. Em 1941, invadiu a Malásia, as Filipinas, Hong Kong, a Birmânia, Cingapura, a Indochina e se preparava para invadir a Índia e a Austrália.

Como último item nesta primeira parte, é importante conhecer os interesses dos Estados Unidos nestas mesmas regiões. Tais interesses e disputas levaram, em 1942, ao início dos confrontos Estados Unidos e Japão.

Quanto à China, o caminho da pesquisa segue em parte o mesmo percurso do Japão, qual seja, compreendê-la na partilha neocolonialista: a dinastia Manchu e seu último Imperador Pu Yi; as Guerras do Ópio e dos Boxers. Numa outra parte, também é preciso conhecer o processo de sua revolução interna, a chamada Revolução Chinesa: a fundação do Partido Nacionalista (Kuomintang) em 1905, pelo médico Sun Yat-Sen, que inicia a Revolução em 1911 e proclama a República em 1912; as disputas internas e a guerra civil

até 1925, quando Sun Yat-Sen morre e Chiang Kai-Shek assume o poder e rompe com o Partido Comunista, que havia sido fundado, em 1921, por Mao Tse-Tung, Chu En-Lai e Lin Piao. Esses fatos nos fazem compreender o contexto da proclamação da República Soviética Chinesa, as lutas internas e a união, em 1936, dos comunistas e nacionalistas para expulsar os invasores: a Guerra Sino-Japonesa; e a continuidade das lutas internas entre nacionalistas e comunistas até 1949, quando Chang Kai-Shek se retira para Formosa e funda a República Nacionalista da China, auxiliado pelos Estados Unidos, enquanto no Continente Mao Tse-Tung criava a República Popular da China.

Indochina (*Indochine*)

Direção: Régis Wargnier

Roteiro: Erik Orcenna, Catherine Cohen, Louis Gardel
e Régis Wargnier

Produção: Alain Belmond e Gerard Crosnier

Fotografia: François Catonné

Montagem: Genevieve Winding

Música: Patrick Doyle

França, 1992

Duração: 158 min.

Este filme foi indicado por retratar a Indochina nos anos 30, na época possessão francesa, por nos mostrar o início das lutas no Sudeste Asiático, no contexto da descolonização, e também por nos proporcionar indicações dos fatores que levariam às Guerras do Vietnã e do Camboja, nos anos 60-70. Como sabemos, ao longo do século XIX, quase todo o Sudeste Asiático foi partilhado entre as potências industriais. Coube à França colonizar o conjunto da península da Indochina, formada por Tourquin, Anã e Conchinchina (Norte, Centro e Sul do Vietnã), o Laos e o Camboja.

O filme *Indochina* se situa no período de 1930 a 1954. Esse período congrega a formação do Partido Nacionalista e do Partido Comunista Indochinês – este último criado por Ho Chi Minh, em 1930 – e a queda de Dien Bien Phu, quando franceses sentaram à mesa para negociar e partilhar a Península em quatro Estados independentes: o Laos, o Camboja, o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul.

Apesar de o fio condutor do filme ser a paixão de mãe e filha pelo mesmo homem, em meio à narrativa de Heloise, a busca e o drama de Camile, entre o início de 1930 e o final de 1954, explicita-se a luta pela libertação da Península e a formação do Vietnã. Esse é o período que deve ser pesquisado e conhecido para que os filmes não se resumam aos recortes e narrativas.

Essa pesquisa pode ter como roteiro norteador os seguintes itens: a invasão japonesa em 1940; a formação do Vietminh, movimento criado por Ho Chi Minh para combater franceses e japoneses; a tomada de Hanói, em 1945, pelo Vietminh, e a proclamação da República Democrática do Vietnã; as

lutas internas e a proclamação do Estado do Vietnã, por Bao Dai, imperador de Anã e colaborador dos franceses e japoneses; o reconhecimento do Estado do Vietnã, instalado em Saigon, e o não reconhecimento do governo de Ho Chi Minh; a invasão de Hanói pela França, em 1946; as lutas, os impasses políticos e a derrota das tropas francesas em 1954.

Para completar as pesquisas sobre a Indochina e ter a referência histórica para o próximo filme, resta saber que, através do acordo de Genebra, o Laos e o Camboja romperam com a União francesa e constituíram governos de coalizão com participação comunista. O norte do Vietnã, governado pelo Vietminh, constituiu a capital em Hanói. O Vietnã do Sul, com a capital em Saigon, autoproclama-se independente, com um governo provisório pró-Occidente. O fim da dominação francesa e japonesa na região e a tentativa de reunificação entre o Norte e o Sul custariam ao Vietnã uma outra guerra, agora com os Estados Unidos.

Apocalypse now

Direção e produção: Francis Coppola

Roteiro: John Milius e Francis Coppola

Narração: Michael Hen

Co-produção: Fred Raos, Groy Frederickson e Tom Sternberger

Fotografia: Vittorio Staroro

Montagem: Richard Marks

Música: Carmine Coppola

EUA, 1979

Duração: 153 min.

Apocalypse now foi inspirado na novela do autor polonês Joseph Conrad: *O coração das trevas*, resultado de uma viagem pelo Congo em 1889. Em 1939, Orson Welles tentou filmá-la, mas não deu certo. Durante os anos 60, John Milius escreveu um roteiro *livre* sobre a novela. No entanto, apenas em 1975 Coppola vendeu e hipotecou tudo o que tinha para investir no filme. Milius e Coppola transplantaram a ação descrita por Conrad, no Congo, para o Vietnã, através do rio Mekong.

A guerra em si não aparece, é pano de fundo para mostrar toda a “insânia que gerou a destruição do Sudeste Asiático, com homens entregues a misões assassinas cujo sentido não conseguiam perceber, mergulhados num pesadelo de álcool e drogas”⁴.

Apocalypse now conta a história do tenente Willard e sua missão: buscar e destruir uma base militar renegada. O comandante rebelde é o coronel Kurtz que, inexplicavelmente, abandonou seu posto. Ao longo do Mekong, a câmera de Coppola, em sintonia com a caneta de Conrad ao longo do Congo, obriga-nos a uma reflexão profunda sobre os horrores das guerras, em especial sobre o horror, sob inúmeros aspectos, do conflito no Sudeste Asiático.

4. MUGGIATI, Roberto. *Prefácio* do livro de Joseph Conrad. *O coração das trevas*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Especificamente sobre a Guerra do Vietnã, torna-se fundamental sabermos: como Norte e Sul passam a se organizar; a organização, em 1960, da Frente de Libertação Nacional; por que os Estados Unidos? as desigualdades bélicas; a guerra de guerrilha; a perda da guerra nos campos de batalha e no campo diplomático; a generalização da guerra pelo Laos e pelo Camboja a partir dos anos 70, quando Nixon ordenou o ataque à Trilha de Ho Chi Minh; a guerra civil após a retirada dos Estados Unidos, em 1973; e o fim da guerra, com a reunificação do Norte e do Sul na República Socialista do Vietnã.

Os gritos do silêncio (*The killing fields*)

Direção: Roland Joffé

Roteiro: Bruce Robinson

Fotografia: Chris Menges

Montagem: Mike Oldfield

EUA, 1984

Duração: 141 min.

O filme conta a história da amizade de um jornalista americano, enviado ao Camboja como correspondente de guerra, com um fotógrafo cambojano. Durante o conflito, o fotógrafo é preso num dos campos de concentração.

Esse filme nos dá a oportunidade de discutir as atrocidades cometidas pela ditadura de Pol Pot, bem como compreender a situação do Camboja em meio à Guerra do Vietnã e as disputas das grandes potências: Estados Unidos, União Soviética e China.

Para compreendermos o Camboja e o filme, precisamos nos reportar, novamente, à Indochina. Após a Conferência de Genebra, o Camboja passou a ser governado pelo príncipe Norodom Sihanuk, que procurou desenvolver uma política de distanciamento tanto do Oeste como do Leste. Entre 1954 e 1970, cresceu a influência do Khmer Vermelho (Partido Comunista do Camboja). Como o Camboja fornecia arroz e armas para o Vietnã, houve, em 1965, o rompimento diplomático com os Estados Unidos. O intenso uso da Trilha de Ho Chi Minh para enviar auxílio ao Vietnã leva a direita cambojana a armar um golpe de Estado, chefiado pelo general Lon Nol. Em 1970, ele instaura a República que é imediatamente reconhecida pelos Estados Unidos. Sihanuk se refugia em Pequim, forma um governo no exílio e se alia ao Khmer Vermelho e às forças revolucionárias do Laos e Vietnã.

Em 1970, tropas norte-americanas invadiram o Camboja para ajudar Lon Nol a liquidar Sihanuk. Na verdade, foi o pretexto para bombardear a Trilha de Ho Chi Minh e conter o avanço dos vietcongues, bem como o abastecimento de seus exércitos.

Em 1973, os Estados Unidos se retiram do Vietnã e Camboja, fato que obrigou Lon Nol a renunciar. Os rebeldes tomam a capital Phnom Penh e instauram a República Popular do Kampuchea. Sob a chefia de Pol Pot e Kieu Samfan, o Kampuchea rompe relações com o Vietnã e instaura um governo

repressor, que promoveu execuções em massa dos opositores ao regime. O caos gerado pelo totalitarismo provocou a fome e quase metade da população foi vitimada.⁵

Esse é o contexto do filme *Os gritos do silêncio*. Seria interessante uma pesquisa que chegasse até 1991, quando se deu o cessar-fogo. Em 23 de outubro daquele mesmo ano, Sihanuk retoma e assume a Presidência. O roteiro pode ser o seguinte: a formação da Frente de Salvação Nacional do Camboja, com ajuda do Vietnã; o fim da ditadura de Pol Pot e o governo de Heng Samtin; a rearticulação do Khmer Vermelho com ajuda da China; a organização do Khmer Serei – movimento anticomunista –, em Paris; as lutas nas fronteiras da Tailândia; a formação do governo de coalização nesse quadro; como as citadas potências atuaram: Estados Unidos tentando ajudar o príncipe Sihanuk com armas; a União Soviética aliada aos vietnamitas e ao governo de Phnom Penh; a China, protetora do Khmer Vermelho; a normalização das relações Moscou-Pequim em 1988 e a retomada do processo de paz no Camboja.

Gostaria de indicar dois documentários complementares aos filmes, porque nos mostram outros aspectos da região e dos povos que ali vivem. O primeiro chama-se *Mekong: a dádiva da água*⁶ é uma viagem da equipe de Jacques Cousteau desde a origem do Mekong, no Himalaia, até o Camboja. O rio Mekong atravessa a China, o Laos, a Tailândia e o Camboja. O outro documentário, também de Cousteau, é *Vietnã e Camboja: crianças de arroz e de armas*⁷. Este é particularmente interessante porque nos mostra o Vietnã e o Camboja hoje. Cada um dos documentários tem cerca de 50 minutos.

Para finalizar, gostaria de dizer que o intuito aqui foi traçar um roteiro inicial para os inúmeros estudos que podem ser feitos sob esse Continente e temática. Como são inúmeros também os filmes sobre guerras, gostaria de propor um tema mais amplo: o de usar a guerra e suas várias faces para nos educarmos numa outra direção e dimensão humana.

Referências Bibliográficas

- ARRUDA, Jobson José. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Ática, 1995.
- HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- MAGNOLI, Demétrio. **O mundo contemporâneo**. São Paulo: Ática, 1993.
- MINH, Ho Chi. **A resistência do Vietnã**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1968.
- BURCHETT, Wilfred. **A 2ª guerra da Indochina**. Lisboa: Seara Nova, 1971.
- OLIC, Nelson Basic. **A Guerra do Vietnã**. São Paulo: Moderna. 1988. (Coleção Polêmica).

5. PAZZINATO, Alceu, SENISE, Maria Helena Valente. **História Contemporânea**. São Paulo: Ática, 1994.

6. *Mekong: a dádiva da água* é um documentário com produção executiva de Jean Michel Cousteau; co-produção David Saxon; escrito e produzido por Moge Richards e Emmanuel Mairesse; narração Joseph Campanella; música Willian Goldestein; com duração de 50 minutos.

7. *Vietnã e Camboja: crianças de arroz e de armas* também tem produção executiva de Jean Michel Cousteau; escrito e produzido por Moge Richards e Emmanuel Mairesse; narração Joseph Campanella; música de Stephen Croes; duração de 50 minutos. Ambos podem ser encontrados em locadoras comerciais.